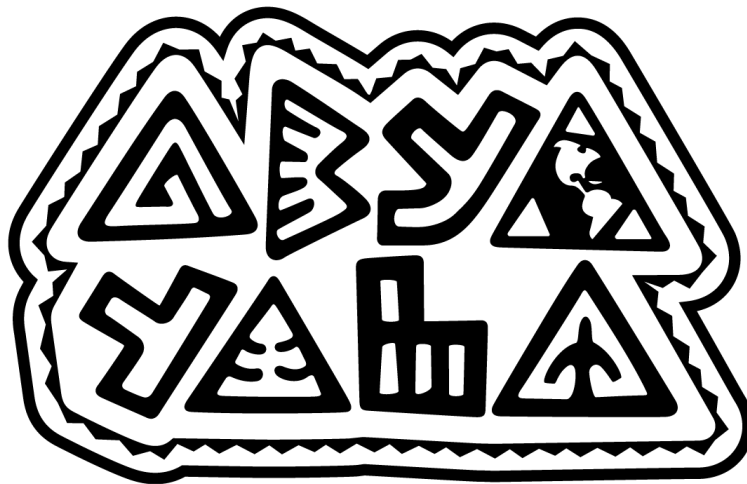


edição



Primeira Fase (**GABARITO**)

categoria mirim

Setembro, 2023



# Prefácio

Bem-vinde à décima terceira edição da Olimpíada Brasileira de Linguística: a edição **Abya Yala!**

Desejamos nesta edição que possamos cultivar a sabedoria e a cultura dos nossos ancestrais e dos povos que sustentam o continente. Que cuidemos da terra amadurecida, Abya Yala, assim como ela nos acolhe e nos nutre, dia após dia.

Essa prova tem 18 problemas de múltipla escolha divididos em três ciclos, com níveis crescentes de dificuldade. O primeiro ciclo, com 9 problemas; o segundo ciclo, com 6 problemas; e o terceiro ciclo, com 3 problemas. Você pode resolvê-la a qualquer momento entre as 08:00 do dia 15 de setembro e as 23:59 do dia 25 de setembro de 2023 (horário de Brasília). Você pode fazer a prova pelo aplicativo (celular, tablet, etc.) ou no navegador do seu computador durante o tempo que quiser destes 11 dias.

Não se assuste. Para fazer esta prova, você não precisa conhecer línguas ou linguística; seu raciocínio, sua intuição de falante e seu conhecimento de mundo devem ser totalmente suficientes para resolvê-la. Mas é claro, quanto mais ampla for sua cultura linguística, mais fácil (e mais divertido) será. Você pode usar a internet e conversar com pessoas, mas *não para pesquisar dados das línguas (ou seja, estão vetados tradutores, dicionários ou páginas descrevendo a gramática das línguas dos problemas)*. Queremos que você confie em si mesmo para desvendar os padrões linguísticos.

O gabarito comentado da prova será divulgado nos dias seguintes ao fim da prova, na sua área restrita do site e nas redes sociais da Olimpíada.

Boa prova!

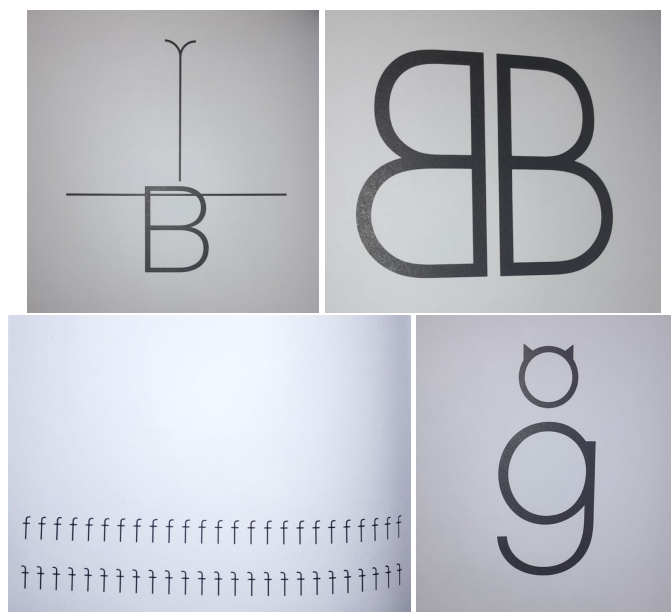
## Problemas

Artur Corrêa Souza,  
Bianky Nardy,  
Eduardo Cardoso Martins,  
Fernando César G. Filho,  
Gabriel Marquette,  
Gustavo Palote da Silva Martins,  
Lai Otsuka,  
Leonardo Paillo,  
Mariana Lins Wolmer,  
Rodrigo Pinto Tiradentes

## Edição, testes e revisão

Artur Corrêa Souza,  
Bianky Nardy,  
Bruno L'Astorina,  
Eduardo Cardoso Martins,  
Fernando César G. Filho,  
Flavio Castro,  
Gabriel Marquette,  
Guilherme May,  
Gustavo Palote da Silva Martins,  
Juliana Chaves Almeida,  
Lai Otsuka,  
Leonardo Paillo,  
Maria Eduarda Freitas,  
Mariana Lins Wolmer,  
Rodrigo Pinto Tiradentes

O artista plástico brasileiro Guto Lacaz criou uma série de imagens para o livro “A galinha e outros bichos inteligentes”, produzido por ele e pelo poeta Ronald Polito. Veja abaixo algumas imagens de Lacaz, que brincam com as letras que dão nome a alguns animais.



Das alternativas abaixo, qual animal **não** está representado em alguma das imagens acima?

- a) gato
- b) bode
- c) baleia
- d) borboleta
- e) formiga

**Resposta: (b)**

Depois que a gente aprende a ler, a gente fica “viciado”, “treinado” em enxergar as letras só como letras (ou seja, como figuras que representam um certo som da língua) e deixa de enxergá-las como imagens apenas. As figuras do Guto Lacaz no problema nos lembram exatamente isso; o artista brinca com as formas das letras, fazendo-as representar animais.

O **gato** é representado na quarta imagem, com o G fazendo seu corpo e seu rabo; adicionalmente, temos um círculo com dois triângulos que desenha a cabeça e as orelhas do felino. A **baleia** é representada na terceira imagem, com uma letra B bem grande, quase totalmente debaixo de uma linha horizontal que imita a linha do oceano, e abaixo de uma forma em y que imita o esguicho de água para fora. A **borboleta** é representada na segunda figura, pelo espelhamento de dois B maiúsculos, como se fossem suas asas. E as **formigas** são representadas por vários F pequenos em sequência, como se vários insetos estivessem andando em fileira.

O único animal que não é representado nessas figuras é o bode. Com as alternativas, percebemos

que a terceira imagem tem muito mais relação com uma baleia do que com um bode; a forma em y até poderia representar um chifre, mas como justificar seu tamanho alongado e ainda a linha horizontal?

Esse problema nos convida a refletir sobre as imagens e as associações entre forma e conteúdo que elas provocam. Para saber mais, vale a pena conhecer a Semiótica, que é o campo das ciências da linguagem que se dedica mais propriamente a isso.

Alguns produtos do Supermercado Dia têm nomes criativos formados a partir de trocadilhos. Na imagem abaixo, por exemplo, a expressão “vem quente que tô fervendo” foi usada para nomear um fermento, na forma “Vem quente que tô FERMENTO”.



Nas alternativas, diferentes estratégias linguísticas foram utilizadas para fazer os trocadilhos dos nomes dos produtos. Qual produto usou a mesma estratégia que a do exemplo acima?

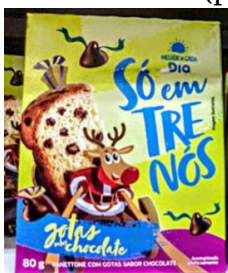
a) TAPIOK (tapioca)



d) AMOstarda (mostarda)



b) Só em TRENÓS (panettone)



e) PÓ PÔ PÓ! (chocolate em pó)



c) mó de BROA (broa de milho)



**Resposta: (c)**

No exemplo do enunciado, *Vem quente que tô FERMENTO*, a brincadeira aconteceu por conta da semelhança entre as palavras fervendo e fermento. Assim, criou-se o trocadilho que remete a uma expressão popular (vem quente que tô fervendo), mas que sofreu uma substituição de palavra para conter o nome do produto (fermento), não presente na expressão original.

Já em *TAPIOK*, o trocadilho foi feito em cima do próprio nome do produto (tapioca). O que aconteceu foi que ele sofreu uma pequena modificação, para incluir dentro dele a palavra OK.

Em *Só em TRENÓS*, não aconteceu uma substituição de uma palavra da expressão *só entre nós* por outra, como no exemplo dado, e sim uma ressegmentação das palavras (as palavras foram “quebradas” em pontos diferentes) para formar outra expressão com a mesma pronúncia, mas outro significado. Além disso, o trocadilho foi feito com a palavra *trenós*, que, ainda que esteja relacionada com o período de Natal – quando o produto (panettone) é vendido –, não é o nome do produto em si, como no caso do fermento.

Em *mó de BROA*, a expressão *mó de boa* teve uma palavra (boa) substituída pelo nome do produto (broa), bem como no trocadilho do enunciado.

Em *AMOstarda*, o trocadilho também foi feito em cima do próprio nome do produto (mostarda). Foi adicionada uma letra ao início da palavra, para que fosse possível ler a palavra *amo* no nome do produto.

O nome *PÓ PÔ PÓ!* não é um trocadilho, mas utiliza uma piada já conhecida com o sotaque mineiro, que se relaciona com o nome do produto (pó).

Logo, a alternativa que usa a mesma estratégia que o exemplo do enunciado é a (c).

A música a seguir, do duo argentino Tonolec, é cantada na língua guarani pela cantora Charo Bogarín e por um coro de crianças guarani.



<https://player.vimeo.com/video/864340515>

Marque a alternativa que não representa uma palavra presente na letra da música:

- a) oguata
- b) jety
- c) porã
- d) purahéi
- e) jajerojy

**Resposta: (b)**

O duo argentino Tonolec, composto pela cantora Charo Bogarín e pelo multi-instrumentista Diego Perez, tem se dedicado a produzir músicas ligadas ao repertório musical dos guarani e do povo qom do Chaco. O vídeo mostrado neste problema, “Oreru”, é traduzido do guarani como “nosso pai” ou “pai nosso”, e é uma canção que fala do mundo espiritual e natural da forma como é contado pela cultura guarani.

A letra da primeira parte da música pode ser traduzida como:

“Pai nosso, o que nos ensina / teu canto, de belos ventos /  
o xamã nos ensina / o sábio: a selva é bonita / a selva é bonita”.

O refrão, cantado por um coro de crianças, é traduzido como:

“Para chegar até a terra sem males / poderemos saudar / poderemos cantar /  
caminhando até a terra sem males / até a terra sem males”.

Por conta da repetição dos versos, cada uma das palavras listadas nas alternativas pode ser ouvida mais de uma vez. Abaixo há os tempos em que cada palavra aparece pela primeira vez:

- purahéi (canto; cantar) aparece na expressão nde purahéi (teu canto) [00:20] do vídeo;
- na sequência aparece vytytu porã (belos ventos) [00:22];



- no coro das crianças aparece jajerojy (saudamos) [00:36];
- pouco depois elas cantam oguata (ele/a caminha) [00:43],

Com isso, sobra a alternativa (b), jety (batata-doce), que não pode ser ouvida em nenhum momento da música.

Ao encontrar as palavras, podemos notar também que algumas delas contêm fonemas distintos do que poderíamos esperar. O g em oguata, não é pronunciada como o nosso g em *gato*, mas uma versão mais suave dele, em que a boca não se fecha totalmente para produzir o som (no alfabeto fonético isso é representado como [w] e é similar ao som do u em *uau!*). O y em yvytu é uma vogal que não existe em português fechada porém com a língua mais no meio da boca, algo entre [i] e [u]. O j em jajerojy é pronunciado como o dj em *djonga*. Por fim, o ã em guarani é nasalizado como o nosso ã em *manhã*, mas pronunciado com a boca mais aberta, como o a em *árvore*.

## 4 · Ó-quis-sô

A rede de lojas OXXO viralizou na internet após alguns de seus letreiros terem sido fotografados escritos “se fala ó-quis-sô”. Isso porque boa parte dos clientes sempre havia pronunciado o nome da marca como *ô-cho*. A escolha dessa pronúncia como “oficial” pela empresa se dá pelo fato de ser o mais próximo de como ela é pronunciada originalmente no México, seu país de origem, onde os clientes falam algo próximo de *ô-gso*.



Qual das marcas abaixo **não** conseguiria fazer uma ação parecida em relação à pronúncia de seu nome?

a)



d)



b)



e)

GUCCI



c)



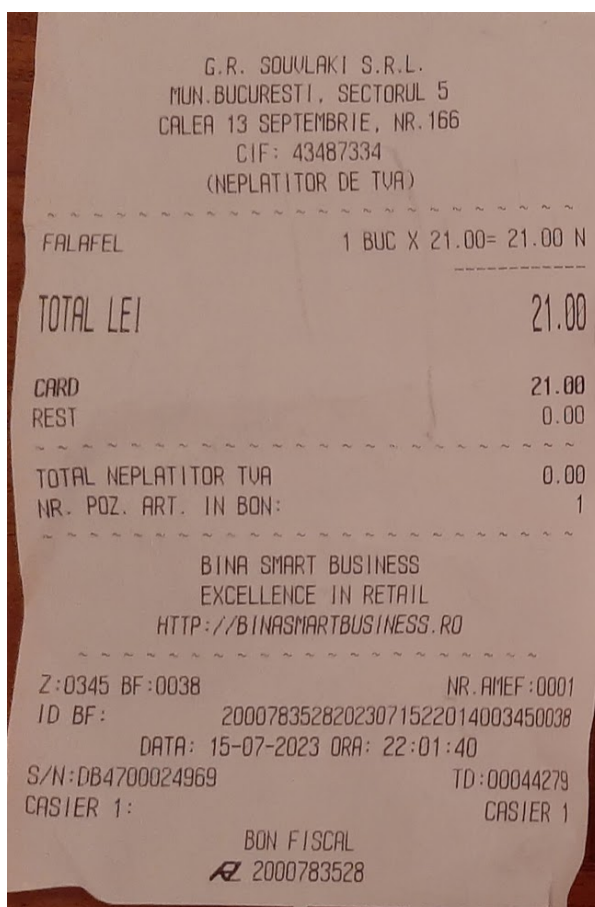
### Resposta: (d)

A ação de marketing perguntada é a de explicar qual seria a pronúncia “correta” de uma marca, segundo a própria empresa. Para que esse marketing seja possível, é preciso haver uma diferença entre a pronúncia intencionada pela empresa e as formas que seriam pronunciadas mais naturalmente de acordo com a fonologia e a ortografia do português. Isso acontece com a marca OXXO, que pode ser pronunciada /ó-quis-sô/, /ô-sho/, /ó-sho/, /o-quis-só/, dentre outras. Vejamos as marcas apresentadas.

- Huawei é uma empresa chinesa de eletrônicos e telecomunicações, que na pronúncia original seria algo como /ruá-uei/, mas poderia ser pronunciada /uá-uei/, /uá-vei/ etc.
- Renault é uma empresa francesa de veículos, que em francês é lida como /re-nô/, mas poderia ser lida como /re-náu-te/, /re-nôu-te/ etc.
- Shein é uma loja chinesa de venda de roupas online, que em chinês poderia ser lida como /shí-in/, mas normalmente é falada como /shêin/ ou /sháin/.
- Vivo é uma marca brasileira de telefonia, internet e TV por assinatura, que não tem outra pronúncia plausível por um falante de português, diferente de /vivo/. Logo, o marketing da pronúncia da marca não funcionaria para eles.
- Gucci é uma casa de moda de luxo italiana, que no italiano padrão seria lida como /gú-tchi/, mas pode ser pronunciada como /gú-si/, /gú-qui/, etc.

Todas essas marcas, exeto Vivo, tem em comum o fato de serem marcas estrangeiras que usam algumas letras ou conjuntos de letras com valor fonético diferente de como usamos em português. Algumas dessas marcas, como a Gucci, normalmente não tem muita variação de pronúncia, por conta de terem uma pronúncia já cristalizada pelo marketing existente.

Veja a imagem da nota fiscal de uma compra realizada em Bucareste, capital da Romênia.



Qual é a alternativa **incorreta**?

- a) O cliente fez a compra na rua 13 de Setembro, no setor 5 da cidade.
- b) No dia da compra era verão na Romênia (e inverno na maior parte do Brasil).
- c) “.ro” é o domínio de país da Romênia na internet, equivalente ao nosso “.br”.
- d) A compra foi realizada à noite.
- e) O cliente comprou 21 unidades de Falafel.

**Resposta: (e)**

A primeira informação importante é o gênero textual da imagem: uma nota fiscal. Ou seja, haverá uma data, uma hora, endereço, quantos itens o cliente comprou, quanto pagou, como pagou etc.

A alternativa (a) fala do endereço. Logo no início da nota, podemos ler *Mun. Bucuresti, Sectorul 5, Calea 13 Septembrie, Nr. 166*. Sabemos que a compra foi feita em Bucareste, capital da Romênia. Podemos entender então que *Mun. Bucuresti* significa “município de Bucareste”. *Sectorul 5*

deve significar setor 5. A língua romena coloca os artigos definidos no final das palavras, então *Sector-ul* significa “O setor”.

Logo abaixo, temos *Calea 13 Septembrie, Nr. 166*, que deve ser um endereço: nome de rua seguido de um número. *Cale-a* é “a rua” em romeno, e *13 Septembrie* é o nome da rua, não a data! Também possuímos nomes de ruas como datas aqui no Brasil (por exemplo, a Rua 25 de Março, em São Paulo/SP). Então (a) está correta.

A alternativa (b) fala das estações do ano. Para descobrir isso, precisamos encontrar a data da compra. Perto do final da nota, encontramos *Data: 15-07-2023*, ou seja, 15 de Julho de 2023. Julho é um mês de inverno na maior parte do Brasil. Porém, como a Romênia fica no hemisfério norte, lá é verão. Assim, (b) está correta.

A informação dada na alternativa (c) pode ser encontrada entre as duas últimas linhas: *Bina Smart Business* possui um endereço eletrônico, um site, com o link de <https://binasmartbusiness.ro>. Como Romênia começa com RO, faz sentido que seu domínio de país seja .ro, e é. Esse tipo de domínio se chama domínio de topo, e cada país possui um. “.br” é o do Brasil, “.ar” da Argentina, etc.

Para a alternativa (d), podemos usar a informação da hora, logo à direita da data: *Ora: 22:01:40*. A compra foi feita às 22 horas, então, foi realizada à noite.

Para a alternativa (e), podemos olhar a parte principal da nota: os itens comprados e o preço. Podemos ver que o cliente comprou falafel, e que isso custou  $1 \text{ BUC} \times 21.00$ , totalizando em um *TOTAL LEI* de 21.00. Agora, o que será esse BUC? Entre 1 e 21.00, um deles é o preço. Como 21.00 possui as casas decimais, podemos entender que esse se trata do preço. Além disso, podemos ver em *TOTAL LEI* a moeda romena, lei (ou leu, no singular). Então, *buc* deve significar algo como “unidade” ou “cada”. Assim, o cliente comprou 1 falafel, que custava 21 lei cada. Logo, essa alternativa está incorreta.

Entre os séculos XII e XIV, a região onde hoje se encontram Portugal, Espanha e França viu surgirem muitos jograis e trovadores, que compunham e cantavam diversos tipos de cantigas. Nessa época, as línguas românicas ainda estavam se formando; entre os portugueses, a língua falada era o galego-português, que só alguns séculos depois viria a constituir duas línguas distintas: o galego e o português.

Abaixo, reproduzimos uma cantiga de amigo de Martin Codax, composta em galego-português no século XIII. Mas atenção: nós ocultamos a **penúltima** estrofe. Quais são os versos da penúltima estrofe dessa cantiga?

*Eno sagrado em Vigo  
bailava corpo velido.  
Amor hei!*

*Em Vigo, no sagrado  
bailava corpo delgado.  
Amor hei!*

*Bailava corpo velido  
que nunc'houver'amigo.  
Amor hei!*

*Bailava corpo delgado  
que nunc'houver'amado.  
Amor hei!*

[...]

*Que nunc'houver'amado  
ergas em Vigo no sagrado.  
Amor hei!*

- |   |  |
|---|--|
| <p>a) Que nunc'houver'amigo ergas no sagrad'em Vigo. Amor hei!</p> <p>b) Que nunc'houver'amigo ergas em Vigo no sagrado. Amor hei!</p> <p>c) Bailava corpo velido ergas em Vigo no sagrado. Amor hei!</p> | <p>d) Bailava corpo velido ergas no sagrad'em Vigo. Amor hei!</p> <p>e) Que nunc'houver'amado ergas no sagrad'em Vigo. Amor hei!</p> |
|---|--|

**Resposta: (a)**

As cantigas de amigo foram um gênero literário da época medieval que apresentava muita musicalidade. Isso fica evidente quando observamos as repetições na cantiga apresentada no

problema: a quantidade de versos é a mesma em todas as estrofes; o último verso da estrofe é sempre o mesmo (ou seja, as estrofes terminam com um refrão); as terminações das palavras se repetem (ou seja, ocorrem rimas); as palavras se repetem entre os versos; e até mesmo os versos se repetem entre as estrofes! E se observarmos com mais atenção ainda, encontraremos padrões mais específicos.

Em primeiro lugar, podemos notar um **esquema rímico**. As rimas ocorrem ao final dos versos entre, por exemplo, “Vigo” e “velido”; e “sagrado” e “delgado”. Além disso, em todo o poema só ocorrem duas rimas: a primeira nas estrofes ímpares; e a segunda nas estrofes pares. Vemos, então, as sequências de rimas primeiro entre “Vigo – velido – amigo” e depois entre “sagrado – delgado – amado”. Logo, já sabemos que a penúltima estrofe deve conter versos que terminam com palavras da primeira sequência de rimas.

Em segundo lugar, podemos notar uma **organização de versos alternados**. Mais especificamente, vemos um **leixa-pren**, que consiste em começar uma estrofe com o último verso (ou a última palavra) de uma estrofe anterior. O leixa-pren (que significa ‘deixa-toma’) foi um recurso poético comum na época medieval, principalmente nas cantigas de amigo. Na cantiga do problema, o segundo verso da primeira estrofe se torna o primeiro da terceira estrofe; o segundo verso da segunda estrofe se torna o primeiro da quarta estrofe; e o segundo verso da quarta estrofe se torna o primeiro da sexta estrofe. Logo, o primeiro verso da quinta estrofe deve ser igual ao segundo verso da terceira estrofe.

Combinando todos os padrões de repetição identificados, deduzimos que a estrofe ocultada se encontra na alternativa A.

Com tanta repetição, não é difícil de imaginar que as cantigas de amigo eram fáceis de decorar, propícias para repetir passos de dança e, portanto, muito populares. Convidamos você a clicar neste link (<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1313&pv=sim>) para entender melhor o conteúdo dessa cantiga de Codax e ouvi-la cantada em diferentes gravações.

## 7 · Quem veio primeiro?

Abaixo está um exemplo de piada que usa um certo recurso linguístico para produzir seu efeito de humor. Perceba como a palavra “frito” pode significar tanto que o cara está em uma situação complicada quanto que alguém literalmente o colocou em uma panela e o fritou.



Mas quem veio primeiro? O ovo ou a galinha? A seguir, as alternativas contêm memes e piadas de galinhas. Todas elas têm seu humor causado pelo mesmo recurso linguístico que o exemplo acima, **exceto uma**. Qual é essa alternativa?

a)



b)

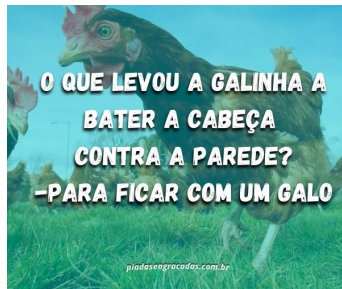




c)



d)



e)



**Resposta: (c)**

Na piada do enunciado, o humor foi causado pela palavra *frito*, que apresenta mais de um sentido no contexto – fenômeno conhecido como **polissemia**. Então, nesse problema, precisamos analisar cada um dos memes e piadas das alternativas em busca daquele em que o humor não está relacionado à polissemia.

- a) Nessa imagem, o que causa o humor é a palavra *chocasse*. No contexto de fala em que aparece, ela teria o sentido de causar um choque, um escândalo. Entretanto, por conta da imagem da galinha, ela também ganha um outro sentido, o do ato de uma galinha chocar (cobrir) seus ovos.
- b) Aqui, a expressão *botando pra quebrar* é a causa do humor. Essa é uma expressão popular com o sentido de “ir muito bem”, “arrasar”, mas, no contexto da imagem, ela também pode ser entendida literalmente: a galinha estaria *botando* (os ovos) com a finalidade de quebrá-los.
- c) Nessa alternativa, o humor é causado pelas expressões *a galinha* e *H linha*. Ambas apresentam uma pronúncia muito parecida, mas são escritas de formas diferentes e significam coisas diferentes. Esse fenômeno é chamado de **homofonia** e não pode ser considerado uma polissemia, já que não temos um mesmo termo com mais de um significado, e sim termos diferentes com som parecido. Logo, esta é a resposta do problema.
- d) O humor dessa piada está na resposta: *ficar com um galo*. Pelo contexto da pergunta, poderíamos entender que isso significaria ter um machucado na cabeça, já que ela foi batida contra a parede. Mas, como estamos falando de uma galinha, também seria possível interpretar a resposta como *estar junto de um galo (frango macho)*.
- e) A palavra *pena* aparece duas vezes nessa imagem. Na primeira vez, está na expressão *é uma pena*, que popularmente é utilizada para indicar um lamento. Porém, na segunda imagem, uma pena (do corpo da galinha) é utilizada para fazer o pagamento, no lugar do cartão. Então, *é uma pena* poderia ser entendido também como *custa uma pena (de galinha)*. Além disso, na última imagem, temos a expressão *valeu a pena*, que popularmente significa que algo mereceu algum sacrifício ou esforço, mas, no contexto, também pode ser mais literal, no sentido de que o sorvete realmente compensava o preço da pena do corpo da galinha.

Os ka'apor, também chamados de caapores, são um povo indígena que vive em cinco aldeias distribuídas pela região do Alto Turiaçu, sul do estado do Maranhão, Brasil. Em 1966, Jim Kakumasu (missionário e linguista que viveu entre os Ka'apor) noticiou pela primeira vez a língua de sinais ka'apor brasileira, que ele associou a uma alta taxa de surdez na população (cerca de 1 a cada 75 indivíduos é surdo).

Abaixo estão frases na língua de sinais ka'apor:

<https://player.vimeo.com/video/864340571>

Em ordem aleatória, os sinais acima correspondem às seguintes frases em português:

- A cobra chegou.
- O tatu cavou.
- A onça forte comeu.
- O jabuti se escondeu.
- O gavião falou.

O seguinte vídeo mostra um menino sinalizando um animal:

<https://player.vimeo.com/video/864340599>

Qual animal é esse?

- a) tatu
- b) onça
- c) jabuti
- d) cobra
- e) gavião

**Resposta: (a)**

O problema se baseia em um fenômeno linguístico chamado de “iconicidade”, que se refere a uma estratégia da sinalização que utiliza dos aspectos fonológicos (sua forma) da línguas de sinais para representar os aspectos semânticos (o seu significado). A iconicidade não é uma forma de simplesmente figurar como uma fotografia a forma de um objeto ou de um conceito, mas sim compor a gramática e a morfologia da língua de sinais com sinais inspirados em materializar parte do sentido a ser expresso.

A iconicidade, em diversas situações e línguas, não é totalmente evidente e não implica imediatismo da compreensão ou puro realismo da figuração. Para captar o sentido dos gestos icônicos devemos analisar o contexto, já que sinais icônicos representam parte do seu significante, podendo ser classificados em diferentes formas ao representarem ações, formas, símbolos ou outros modos de remeter a um objeto, ser, ação ou conceito.

Ao analisarmos o vídeo A, podemos visualizar uma sinalização inicial que aparenta ser uma abertura/escavação com as duas mãos, seguida de um sinal com o indicador posicionado na frente do nariz realizando uma movimentação periódica para cima e para baixo, como um focinho balançando, além de uma expressão corporal (um tipo de expressão não-manual característica de línguas de sinais) de retração dos ombros compondo o sinal. Essa movimentação indica um animal com focinho, provavelmente com uma carapaça, realizando uma ação que podemos identificar como “cavar”, portanto se refere à frase “O tatu cavou.”. Compreendendo que o sinal de tatu faz referência ao seu focinho e ao seu corpo. Além disso, é interessante enfatizar que a movimentação sobrepõe um componente que mimetiza a ação do tatu escavar: ele realiza movimentos mais intensos do indicador, que acompanham o movimento de flexão do tronco, indicando a trajetória da escavação do tatu.

Quando observamos o vídeo B, vemos um sinal inicial com a configuração de mão aberta com os dedos separados na cabeça da pessoa sinalizando seguido de um sinal com o indicador se movimentando da boca para frente. Portanto ao compararmos com as ações possíveis, a frase que melhor é representada seria “O gavião falou.”, já que envolve um animal com plumas em sua cabeça e a sinalização de emissão de algo pela boca.

Seguindo para o vídeo C, podemos observar a pessoa sinalizando inicialmente um sinal com a língua para fora e a mão próxima a boca com a configuração de mão composta pelo dedo médio e indicador levantados. Posteriormente a frase segue com um sinal com movimento da região lateral para a região média anterior da pessoa sinalizando, indicando algo de fora para dentro. Dessa forma, podemos relacionar com a frase “A cobra chegou.”, já que inicialmente podemos relacionar a língua e dos dedos representando presas com a cobra, além da movimentação representar algo chegando ao espaço neutro.

Partindo para o vídeo D, inicialmente temos a pessoa sinalizando na região do olho com a configuração de mão com o indicador se flexionando e o polegar se opondo, realizando um círculo com os dedos. Posteriormente temos um sinal com os dois braços flexionados anteriormente e por último uma movimentação com a mão do exterior para a região do estômago. Com isso, relacionamos o vídeo D com a frase “A onça forte comeu.”, visto que a ação de comer envolve uma ação com o estômago, os braços tendem a ser um símbolo de força e a onça é um animal com um olho evidente e marcado por suas manchas.

Finalmente, ao analisarmos o vídeo E, podemos perceber um sinal que se parece com uma pinçada do dedo indicador e polegar na região do pescoço seguido por uma configuração do braço esquerdo semi flexionado com o braço direito se movimentando por baixo. Podemos relacionar essa frase com “O jabuti se escondeu.”, pois o primeiro sinal evidencia o pescoço mole mostrando as rugas que os jabutis têm na garganta que incham com sua respiração. Além disso, a ação de realizar um movimento abaixo da representação de algo fixo nos aproxima da ideia de “se esconder”.

O animal pedido pela tarefa se aproxima do sinal composto na frase “O tatu cavou”, dessa forma o animal pedido é o TATU.

O nome do problema foi inspirado por uma narrativa do povo Ka’apor chamada “História de Aé”. A história de Aé é uma explicação da origem da arte plumária, baseada no mito de que, antigamente, os Ka’apor caçavam um tipo de jaguar encantado, chamado Aé, que tinha ossos azul-verdes. Com a ossaria dos Aés, os Ka’apor faziam miçangas para se embelezarem. Os vídeos B e C são trechos dessa história contada em Língua de Sinais Ka’apor.

## 9 · Encantado

No jogo Minecraft, lançado em 2011, o Alfabeto Galáctico Padrão aparece dentro de um recurso chamado “Encantamento”, em que o jogador pode utilizar uma tela para melhorar os equipamentos de seu personagem com diferentes feitiços. Nas imagens, podemos ver alguns desses feitiços codificados.

Para conseguir um feitiço, o jogador deve gastar algumas pedras de lápis-lazúli. Os números à esquerda indicam a quantidade de **lápis-lazúlis** para conseguir cada um dos feitiços.



A tabela mostra os feitiços acima, **em ordem aleatória**:

Nome do feitiço	Encantamento
Repulsão	fresh beast
Saque	cold sphere
Chama	mental beast
Alcance	water spirit
Afiação	niktu water
Remendo	self inside

Bernardo quer melhorar sua espada com os feitiços de Afiação e de Remendo. Qual das alternativas apresenta a **quantidade de lápis-lazúlis** necessária para que Bernardo faça os dois feitiços?

- a) 2
- b) 3
- c) 4
- d) 5
- e) 6

**Resposta: (b)**

O Alfabeto Galáctico Padrão é um sistema de escrita criado por Tom Hall no início dos anos 90. Feito inicialmente para passar mensagens secretas aos jogadores da sua série Commander Keen,

a escrita foi popularizada por meio de seriados de TV e jogos *online*, tornando-se um símbolo dentro da cultura pop. Nesta questão, vemos um dos exemplos mais conhecidos de uso da escrita: a mesa de encantamentos do Minecraft.

Existem várias maneiras de resolver esse problema. Por exemplo, podemos notar que as palavras *beast* e *water* aparecem em mais de um feitiço, em posições diferentes: *water* aparece uma vez no começo de um feitiço e outra no final de outro, enquanto *beast* aparece duas vezes no final de feitiços.

Dessa forma, podemos descobrir que o sentido de escrita das palavras é da esquerda para a direita, e também conseguimos descobrir a escrita das palavras *water* e *beast*.

Pela posição da palavra *water*, podemos encontrar os feitiços de *Afiação* (*niktu water* – 1ª posição da 1ª imagem) e *Alcance* (*water spirit* – 2ª posição da 1ª imagem). Concluimos, então, que o feitiço de *Afiação* custa 1 lápis-lazúli.



Em azul, a palavra *water* e, em vermelho, *beast*.

Depois disso, podemos tentar deduzir algumas letras para procurar o feitiço de *Remendo*, que possui o encantamento *self inside*. A letra *e*, por exemplo, aparece no final de dois dos encantamentos, enquanto a letra *t* aparece ao final de três e a letra *r* ao final de um.

Podemos usar essas três letras para diferenciar os dois primeiros feitiços da segunda imagem: o que custa 1 lápis-lazúli termina em *ere*, então só pode ser o feitiço de *Saque*, que possui o encantamento *cold sphere*. O feitiço de *Remendo*, portanto, só pode ser o segundo dessa imagem, que custa 2 lápis-lazúlis.

Como o feitiço de *Afiação* custa 1 lápis-lazúli e o de *Remendo* custa 2 lápis-lazúlis, Bernardo necessita de 3 lápis-lazúlis no total.

A ordem dos encantos na primeira imagem é *Afiação* (*niktu water*), *Alcance* (*water spirit*) e *Chama* (*mental beast*). Na segunda imagem, a ordem é *Saque* (*cold sphere*), *Remendo* (*self inside*) e *Repulsão* (*fresh beast*).

Além disso, ligando todas as letras das imagens com as do nosso alfabeto, chegamos a esta correspondência:

⤴ A ⤵ B ∴ C  
 ⤴ D ⤵ E ≡ F  
 ⤴ H ∴ I ⤵ K  
 ∴ L ⤵ M ∴ N  
 ⤴ O ∴ P ∴ R  
 ∴ S ⤴ T ≡ U  
 ∴ W

Para quem quiser conhecer, este é o Alfabeto Galáctico Padrão completo:

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
⤴	⤵	∴	≡	⤵	≡	⤵	⤴	∴	∴
K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
⤵	∴	⤵	⤴	⤴	∴	⤴	∴	⤵	⤴
	U	V	W	X	Y	Z			
	∴	≡	∴	⤴	∴	⤴			

Por fim, para conseguir um feitiço no jogo Minecraft não basta apenas os lápis-lazúlis, mas sim níveis de experiência do jogo. O custo dos níveis é um número que fica à direita do encantamento, que foi ocultado neste problema.

Cátia e Sofia gostam de passar o tempo brincando de Jogo da Velha, mas depois de terem jogado muitas partidas elas decidiram fazer algo diferente: em vez de O ou X, elas usariam letras do alfabeto da língua portuguesa.

**Cátia** disse que só usaria letras que representam as consoantes produzidas com uma breve pausa seguida de um som momentâneo, como se o som fosse uma pequena **explosão**.

Já **Sofia** disse que só escolheria letras que representam as consoantes produzidas sem interrupção, como se o som fosse um **chiado ou zumbido**.

Elas jogaram cinco partidas dessa forma. Em qual das partidas abaixo Sofia ganhou de Cátia?

a) 

t		
	t	
j	j	t

b) 

z	d	d
z	d	d
d	z	z

c) 

f	f	p
p	f	f
p	p	p

d) 

v		b
	v	b
		v

e) 

s		q
	s	q
q	s	q

**Resposta: (d)**

O problema divide as consoantes de acordo com como elas são pronunciadas. Algumas consoantes são pronunciadas com um fechamento e uma pequena explosão. Os linguistas as chamam de **plosivas**. É o caso do som de C no nome da *Cátia*.

Outras consoantes são produzidas de um jeito que a gente não fecha totalmente a boca, mas deixa uma pequena abertura para o ar passar, de um jeito que o ar sofre uma turbulência e produz um som chiado. Os linguistas as chamam de **fricativas**. É o caso do som de S no nome da Sofia. Repare que a gente pode ficar fazendo um som contínuo de ssssss, mas não dá pra fazer o mesmo com c.

Vamos analisar jogo por jogo.



No jogo (a), Cátia está jogando com **t** (como em **tábua**), uma plosiva (ou consoante de explosão), feita quando a gente fecha a passagem de ar botando a ponta da língua um pouco acima dos dentes de cima. E Sofia está jogando com **j** (como em **jogo**), uma fricativa (ou consoante de chiado), feita quando a gente cria uma turbulência entre o meio da língua e o céu da boca. Cátia ganhou esse jogo, com uma diagonal de t's.

No jogo (b), Cátia está jogando com **d** (como em **dedo**), uma plosiva igual ao t, só que vibrando as cordas vocais (t e d são um par, uma sem vibração e outra com). E Sofia está jogando com **z** (como em **zebra**), uma fricativa feita com uma curva na língua que faz o ar raspar as pontas dos dentes (s e z também são um par). Cátia ganhou esse jogo, com uma diagonal de d's.

No jogo (c), Cátia está jogando com **p** (como em **ponta**), uma plosiva feita juntando os dois lábios e liberando o ar de uma vez. E Sofia está jogando com **f** (como em **filhote**), uma fricativa feita com um espaço entre os dentes de cima e os lábios de baixo. Cátia ganhou esse jogo, com uma linha horizontal de p's.

No jogo (d), Cátia está jogando com **b** (como em **banana**), uma plosiva feita do mesmo jeito que p, mas vibrando as cordas vocais. E Sofia está jogando com **v** (como em **vapor**), uma fricativa feita do mesmo jeito que f, mas também vibrando as cordas vocais. Esse foi o único jogo que Sofia ganhou, com uma diagonal de v's!

No jogo (e), Cátia está jogando com **q** (como em **queijo**), uma plosiva feita fechando a parte de trás da língua contra a parte mole do topo da boca (o par de q, vibrando as cordas vocais, é o g como em **garagem**). E Sofia está jogando com **s** (como em **sal**), uma fricativa feita do mesmo jeito que z, mas sem vibrar as cordas vocais. Cátia ganhou esse jogo, com uma linha vertical de q's.

Estamos aqui usando letras do nosso alfabeto, mas é sempre bom lembrar que várias das nossas letras representam mais de uma pronúncia, dependendo da palavra. O c em **cão** tem o mesmo som de k e é uma explosão, mas o c em **cérebro** tem o mesmo som de s, então é um chiado.

A língua japonesa possui uma quantidade considerável de empréstimos de outras línguas (chamados de 外来語 - *gairaigo* - lit. *língua que vem de fora*). Abaixo há uma lista de palavras que foram emprestadas do português para o japonês, primeiro na forma em português e em seguida na forma que elas tomaram em japonês (transcritas para o alfabeto latino):

1. pão – pan
2. frasco – furasuko
3. carta – karuta
4. Holanda – oranda
5. calção – karusan
6. órgão – orugan

Qual das alternativas contém, respectivamente, as formas japonesas de “tabaco”, “marmelo” e “botão”?

- a) tabako, marumelo, butan
- b) tabaku, marmero, botan
- c) tabako, marumero, butan
- d) tabaku, marmero, butan
- e) tabako, marumero, botan

**Resposta: (e)**

1. **pão – pan**  
calção – **karusan**  
órgão – **orugan**

Terminações -ão se tornam -an;

2. **frasco – furasuko**  
carta – **karuta**  
calção – **karusan**

Na transcrição das formas japonesas, todo <c> é escrito como <k>; todo <ç> se torna <s>.

Isso acontece porque os empréstimos acontecem baseados no som das palavras, e não na forma com oelas são escritas. Como o <ç> tem som de /s/, ele é escrito dessa maneira. Da mesma forma, o <c> é escrito como <k> quando tem som de /k/.

3. **Holanda – oranda**  
calção – **karusan**

Todo <l> se torna <r>; isso se dá porque não existe o fonema /l/ em japonês.

4. **frasco – furasuko**  
**carta – karuta**

Quando existe um encontro consonantal em português, em japonês as duas consoantes ficam em sílabas diferentes e recebem um ⟨u⟩.

Existe uma exceção a essa regra: o encontro consonantal em **oranda**. Isso acontece por causa da estrutura das sílabas em japonês, que não aceita combinação de consoantes, mas aceita sílabas terminadas em -n (como vimos nas palavras listadas na regra 1).

5. Todos os outros elementos se mantêm.

Com isso, podemos escrever:

- **tabaco** → **tabako**
- **marmelo** → **marumero**
- **botão** → **botan**

A seguinte frase em alemão significa *Os fotógrafos estão tirando fotos com câmeras no parque antes do concerto.*

Die Fotografen machen vor dem Konzert mit Kameras im Park Fotos.

Se formulada de outras formas, ela pode trazer sentidos um pouco diferentes:

Fotos machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras im Park.

*Os fotógrafos estão tirando fotos (e não outras coisas) com câmeras no parque antes do concerto.*

Im Park machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras Fotos.

*Os fotógrafos estão tirando fotos com câmeras no parque (e não em outro lugar) antes do concerto.*

Observação: você não precisa saber nada de alemão para resolver este problema!

Sabendo disso, qual das alternativas abaixo pode ser usada para enfatizar que os fotógrafos não usam o celular para fotografar?

- a) Vor dem Konzert machen die Fotografen mit Kameras im Park Fotos.
- b) Mit Kameras machen die Fotografen vor dem Konzert im Park Fotos.
- c) Machen mit Kameras die Fotografen vor dem Konzert im Park Fotos.
- d) Die Fotografen machen vor dem Konzert im Park Fotos mit Kameras.
- e) Machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras im Park Fotos.

**Resposta: (b)**

No alemão, a ordem canônica de uma frase (sem ênfase em nenhum elemento) é a seguinte:

Sujeito + verbo + **informação de tempo** + **informação de modo/instrumento** + **informação de local** + **objeto direto (não pronominal)**

A oração no começo do enunciado segue a ordem canônica:

Die Fotografen machen vor dem Konzert mit Kameras im Park Fotos.

Na estrutura enfática, o elemento em ênfase é movido para o começo da oração, enquanto o verbo continua na segunda posição da frase. Assim foram formulados os dois outros exemplos do enunciado:

Fotos machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras im Park.

*Os fotógrafos estão tirando fotos (e não outras coisas) com câmeras no parque antes do concerto.* – **Fotos** é a informação relevante e está em ênfase.

Im Park machen die Fotografen vor dem Konzert mit Kameras Fotos.

*Os fotógrafos estão tirando fotos com câmeras no parque (e não em outro lugar) antes do concerto.* – **Im Park** é a informação relevante e está em ênfase.

Uma forma de enfatizar que eles não estão usando o celular é mover a informação de instrumento para o início da oração, enquanto o verbo, por regra, continua na segunda posição:

Mit Kameras machen die Fotografen vor dem Konzert im Park Fotos.

Abaixo estão alguns números em búlgaro, com seus nomes transcritos para o alfabeto latino:

- 4 – chetiri
- 13 – trinadeset
- 17 – sedemnadeset
- 38 – trideset i osem
- 45 – chetirideset i pet
- 484 – chetiristotin osemdeset i chetiri

Qual das correspondências abaixo está **incorreta**?

- a) 814 – osemstotin chetirideset
- b) 558 – petstotin petdeset i osem
- c) 74 – sedemdeset i chetiri
- d) 33 – trideset i tri
- e) 15 – petnadeset

**Resposta: (a)**

Os números apresentados na lista variam em unidade, dezena e centena. Um número como 484, por exemplo, pode ser lido como 400 (centena) + 80 (dezena) + 4 (unidade). Começando pelo 4, que sabemos ser escrito como chetiri, podemos analisar os números 45, que terá o 4 em posição de dezena, e 484, que terá o 4 em posição de centena e unidade. Para a dezena, temos chetirideset; para a centena, temos chetiristotin.

Os termos para 40 e para 400 iniciam-se da mesma maneira, com o número 4 chetiri. Para indicar a dezena, adicionamos o sufixo -deset, enquanto para indicar centena acrescentamos o sufixo -stotin. Isso se repete em outros números.

Em 484, além da centena 400, temos a dezena 80, escrita como osemdeset, indicando que o número 8 seria escrito osem. Analisando o número 38 e 484, conseguimos já descobrir que a unidade de fato é sempre o último número escrito, e, além disso, a palavra i aparece para separar a unidade da dezena, correspondente à nossa conjunção e, em *vinte e quatro*. Com 45, conseguimos descobrir que o número 5, em búlgaro, é pet.

Em 38, vemos trideset representando a dezena 30, indicando que tri, quando aparece sozinho, é o número 3. No entanto, o número 13 parece ter uma regra bem diferente, já que não vemos i tri aparecendo no final, mesmo que a unidade seja 3. Uma regra semelhante acontece com o 17, sedemnadeset, que nos permite concluir que o número 7 seria sedem. Nesses dois casos, o número da unidade recebe o sufixo -nadeset, indicando que o número está entre 11 e 19.

Essa regra diferente para números entre 11 e 19 não é nada raro e existe até mesmo no português. Se fôssemos seguir a mesma regra que utilizamos a partir do 20, *quinze* deveria ser algo como *dez e cinco*. A mesma situação aparece no inglês, onde temos *fifteen* em vez de *ten-five*.

Analisando as alternativas com as informações que já recolhemos até agora, a única que não representa o número corretamente é a (a), em que 814 aparece escrito como osemstotin chetirideset. O sufixo -deset, como vimos, indica dezenas e, nesse caso, representaria 40, e não 14. Para representar corretamente o número 814, deveríamos escrevê-lo como osemstotin chetirinadeset.

A fim de curiosidade, os números de 1 a 10 em búlgaro são, em ordem, edno, dve, tri, chetiri, pet, shest, sedem, osem, devet, deset. Você pode ter percebido que alguns termos lembram os números em português, como *tri* e *três*. Isso não é uma coincidência, e acontece porque, apesar de muito distantes, o português e o búlgaro vieram, há muito tempo, de uma mesma língua ancestral.

Você já prestou atenção em como as pessoas falam na televisão? Assista ao vídeo a seguir, de um jornal transmitido em todo o Brasil:

<https://player.vimeo.com/video/864340487>

Sobre a mudança que o jornalista faz na pronúncia da palavra “porta”, escolha a alternativa que contém uma interpretação **incorreta**.

- a) No dia a dia, o jornalista fala o R popularmente conhecido como “caipira”, mas não o utiliza quando apresenta o jornal.
- b) A pronúncia da letra R no fim de sílabas pode variar bastante entre os diferentes sotaques do Brasil.
- c) Apesar da diferença no som do R, conseguimos reconhecer as duas pronúncias de “porta” como sendo a mesma palavra.
- d) Como o jornal passa em diversos estados do país, os jornalistas devem tentar ao máximo falar certo e sem sotaque para uma melhor compreensão de todos que assistem.
- e) Na intenção de criar um sotaque “padronizado” para a televisão, jornalistas evitam pronunciar sons que podem ser considerados “feios” ou “errados”.

**Resposta: (d)**

- a) A pronúncia original do jornalista contém o som de R que ficou conhecido em diversas regiões como “caipira”, por ser associado à fala do interior de estados como São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná — e que provavelmente tem sua origem influenciada pelo contato com línguas indígenas dessa região. A forma “caipira” do R é bem marcada e fácil de identificar; na linguagem do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), ele pode ser uma aproximante alveolar [ɹ] ou uma aproximante retroflexa [ɻ]. **Correta.**
- b) Além das pronúncias que aparecem no vídeo, demonstradas por dois jornalistas naturais do estado de São Paulo, várias outras formas de falar o R em fim de sílaba podem ser encontradas nas diversas regiões do Brasil — por exemplo, o R “chiado” de cidades como Rio, Recife e Belém, o R gaúcho de cidades como Porto Alegre, etc. **Correta.**
- c) Quando ocorre variação na pronúncia do R em fim de sílaba no português brasileiro, como nas possibilidades de se dizer “porta”, o significado da palavra não muda, apesar da alteração no som. Isso acontece porque a gente não decodifica diretamente os sons, mas uma espécie de conceito sonoro que temos na nossa mente, que pode corresponder na prática a diferentes sons. Para expressar isso, os linguistas dizem que os diferentes fones que podem ocorrer em -r final correspondem a um mesmo conceito sonoro, um mesmo fonema /r/ em português. **Correta.**
- d) Quando estudamos a língua como ela é, não utilizamos expressões como “falar certo” ou “falar errado”, pois elas atribuem valor positivo ou negativo a formas de falar diferentes, que são igualmente funcionais e reais tanto na mente dos falantes quanto nas suas dinâmicas de comunicação. Além disso, a ideia de falar “sem sotaque” também é



equivocada, porque toda forma de falar envolve escolher alguma variante. O que acontece é que alguns sotaques são vistos como melhores, mais bonitos ou mais neutros do que outros, por causa de relações sociais, econômicas e geográficas de poder que fazem com que algumas formas de falar sejam mais prestigiadas e entendidas como modelo a ser seguido. **Incorreta.**

- e) Em diversos programas da televisão – nos telejornais, por exemplo –, o jeito de falar dos apresentadores é moldado para evitar formas que podem ser vistas como erradas ou feias, como é o caso do R “caipira”, muitas vezes discriminado socialmente. Desse jeito, o apresentador cria a ilusão de um sotaque “neutro” ou “padrão”, o que acaba contribuindo para a reprodução de noções equivocadas e preconceituosas. **Correta.**

Um estudante estava aprendendo a falar português quando percebeu que algumas palavras se comportam de uma forma curiosa. Ele resolveu fazer uma lista para entender o que estava acontecendo. A lista ficou assim:

o mato	a mata
o barco	a barca
o ovo	a ova
o jarro	a jarra
o saco	a saca

Entre as alternativas a seguir, qual poderia aumentar a lista do estudante com palavras que possuem o mesmo tipo de relação que ele procura?

- a) o caso / a casa
- b) o porto / a porta
- c) o pasto / a pasta
- d) o fruto / a fruta
- e) o luto / a luta

**Resposta: (d)**

Olhando a lista, vemos que ela contém duplas de palavras com formas escritas muito parecidas. Para cada dupla, na esquerda está um substantivo masculino, com o artigo *o*, e na direita um feminino, com o artigo *a*. Além disso, quando pensamos nos significados, também vemos que as duplas apresentam duas palavras que remetem a coisas muito parecidas ou relacionadas.

Nas alternativas, a semelhança entre as formas escritas das palavras está presente em todos os casos, mas, prestando atenção, notamos que a semelhança dos significados não. *Caso* e *casa*, ainda que tenham uma escrita parecida, significam coisas bastante diferentes, bem como *porto* e *porta*, *pasto* e *pasta* e *luto* e *luta*. Então, a alternativa correta é a (d), que traz duas palavras com sentidos parecidos: *fruto* e *fruta*.

O povo kuna vive na América – ou melhor, na Abya Yala, que é o nome kuna usado para se referir ao nosso continente. Mais especificamente, os Kuna se dividem em diferentes comunidades no Panamá e na Colômbia. E cada comunidade é liderada por um saila, que é um líder político e religioso.

Imagine que um grupo de uma das comunidades de Kuna Yala (região mais conhecida como Arquipélago de San Blas), no Panamá, visitou a comunidade de Arquía, na Colômbia. Então, o saila de Arquía, que fala uma variedade da língua kuna chamada *paya kuna*, apresenta sua terra e seu povo usando as seguintes frases abaixo, seguidas de tradução para o português.

paya kuna	português
Iti an neg.	Esta é a minha casa.
Iti an tad.	Este é o meu avô.
We an neg chuli.	Aquela não é a minha casa.
We pe tad.	Aquele é o teu avô.
¿Pe nan we?	Aquela é a tua mãe?
Iti pemal wagwa chuli.	Estes não são os descendentes de vocês.
¿Pemal akan iti?	Estes são os machados de vocês?
¿Pemal ul iti?	Estas são as canoas de vocês?
(1)	Esta é a mãe de vocês?
(2)	Aquele não é o nosso machado.

Como o saila de Arquía disse as frases (1) e (2), respectivamente?

- (1) ¿Iti pemal nan? / (2) We animal akan chuli.
- (1) ¿Pemal nan iti? / (2) We an akan neg.
- (1) ¿Pemal nan iti? / (2) We animal akan chuli.
- (1) ¿Iti pemal nan? / (2) We an akan chuli.
- (1) ¿Pemal nan we? / (2) We an akan neg.

### Resposta: (C)

Se comparamos as duas primeiras frases (iti an neg e iti an tad) e suas respectivas traduções (*Esta é a minha casa* e *Este é o meu avô*), vemos que a última palavra da frase em paya kuna é o substantivo: neg = casa e tad = avô.

Podemos comparar com a terceira frase (*We an neg chuli, Aquela não é a minha casa*) e concluir que an = meu/minha.



A ordem geral da frase pode ser resumida, então, como

**pronome demonstrativo - pronome possessivo - substantivo possuído.**

Ao que tudo indica, o verbo de ligação “é” e o artigo definido “o/a” não existem em paya kuna.

A palavra que resta daquelas duas primeiras frases, ití, só pode se referir ao pronome demonstrativo “este/esta”. Nas frases we an neg chuli e we pe tad, onde o pronome demonstrativo é “aquele/aquela”, temos a palavra we aparecendo na mesma posição de ití, que então significa “aquele/aquela”. Por sua vez, pe aparece na mesma posição de an para a frase “aquele é o teu avô”, e portanto deve ser “teu/tua”.

Com tudo isso, a única palavra das quatro primeiras frases que ainda não deciframos é chuli, que aparece apenas em “aquela não é a minha casa”, em posição final na frase. Dessa frase, apenas a partícula de negação “não” ainda não foi descoberta, logo essa deve ser a correspondente de chuli. Isso se repete na frase ití pemal wagwa chuli “estes não são os descendentes de vocês”, o que também indica que pemal é o pronome possessivo de segunda pessoa no plural “de vocês”.

As três frases restantes, apesar de elementos em comum, apresentam uma ordem diferente, que parece ser **pronome possessivo - substantivo possuído - pronome demonstrativo**. Essa ordem apenas aparece nessas três frases, o que indica que ela é usada para frases interrogativas, ou seja, perguntas. Esse fenômeno não é raro, e acontece, por exemplo, no inglês, na frase “don’t you love me?” (você não me ama?) em comparação com “you don’t love me” (você não me ama).

Resumindo, temos:

- 2 pronomes demonstrativos: ití (este/esta), we (aquele/aquela)
- 3 pronomes possessivos: an (meu/minha), pe (teu/tua), pemal (de vocês)
- 6 substantivos: neg (casa), tad (avô), nan (mãe), wagwa (descendentes), akan (machados), ul (canoas)
- 1 partícula: chuli (não)

Na tarefa, a frase “esta é a mãe de vocês?” é uma pergunta, logo a ordem deve ser algo como **de vocês - mãe - esta**, e portanto só pode ser ¿Pemal nan ití?, como nas alternativas (b) e (c).

Na segunda frase, “aquele não é o nosso machado”, nos deparamos com o pronome possessivo de primeira pessoa do plural “nosso”, que não encontramos no corpus. Porém, ao analisarmos a diferença entre “teu/tua” e “de vocês”, podemos perceber que pemal, no plural, nada mais é do que pe, no singular, acrescentado do sufixo -mal, que provavelmente indica o plural. Logo, para formar “nosso”, basta acrescentar o mesmo sufixo ao pronome an, formando anmal. Logo, a frase formada, utilizando a ordem de frase não-interrogativa, é we anmal akan chuli, o que nos deixa apenas a alternativa (c) como correta.

Abaixo estão algumas frases em turco e suas respectivas traduções para o português. Duas delas estão incompletas, com uma palavra faltando.

turco	português
Pastayı istemem.	Eu não quero o bolo.
Babanı dinlersin.	Você escuta seu pai.
Havuç yemem.	Eu não como cenouras.
Şarkıyı dinlemezsin.	Você não escuta a música.
Babanı istersin.	Você quer seu pai.
Pastayı yerim.	Eu como o bolo.
Kitabı _____(1).	Eu quero o livro.
Elmayı _____(2).	Você não come a maçã.

Complete as lacunas.

- a) (1) istemersen / (2) yersin
- b) (1) isterim / (2) yersin
- c) (1) istemem / (2) yemezsin
- d) (1) istemem / (2) yesin
- e) (1) isterim / (2) yemezsin

Nota: **i** é como *u* em *uva* mas com os lábios não arredondados; **y** é como *i* em *pai*; **r** é como *r* em *prato*; **h** é como *r* em *rato*; **ç** é como *tch* em *tchau*; **ş** é como *ch* em *chuva*.

### Resposta: (e)

Uma primeira coisa que podemos fazer, ao observar o corpus, é buscar entender a ordem das palavras nas sentenças em turco. Para isso, podemos olhar primeiro para o objeto das frases em português: são todos diferentes entre si, exceto *bolo* e *seu pai*, que se repetem em duas frases.

Dessa forma, podemos pegar essas duas duplas de frases que têm o mesmo objeto e compará-las. Notamos que a única coisa que elas têm em comum é a primeira palavra, *pastayı* e *babanı*. E, de fato, nas demais frases, essa primeira palavra é sempre diferente, bem como os objetos. Assim, podemos supor que a segunda palavra seria correspondente ao verbo, enquanto a primeira é o objeto. Portanto, percebemos que, em turco, o objeto tende a vir antes, e depois o verbo – diferentemente do português, em que a ordem mais comum é verbo e depois objeto.

Vamos analisar esses verbos. Três raízes verbais diferentes aparecem no problema, cada uma duas vezes, na parte inicial do corpus. Comparando as frases, vemos as seguintes relações:

istemem, istersin	querer
dinlersin, dinlemezsın	escutar
yemem, yerim	comer

Podemos perceber, aqui, que os inícios dos verbos de uma mesma raiz se mantêm iguais, logo, temos que as raízes em turco para *querer*, *escutar* e *comer* são, respectivamente, iste-, dinle- e ye-. Então, podemos supor que a parte final do verbo se refere à sua conjugação, bem como no português (eu ando, eu andei, tu andas, tu andaste etc.). Nesse problema, temos apenas verbos no presente, variando entre a primeira pessoa e a segunda, ou seja, poderíamos esperar duas conjugações diferentes para os verbos, em turco.

Entretanto, encontramos quatro terminações nas frases do corpus: -mem, -mezsın, -rsin e -rim. Mas, se olharmos atentamente, algumas frases são afirmativas e outras negativas, com a palavra “não” (os linguistas chamam isso de **polaridade**). Levando isso em consideração, notamos que as conjugações de pessoas são diferentes dependendo da polaridade da frase, como na tabela abaixo.

	afirmativo	negativo
<i>eu</i>	-rim	-mem
<i>você</i>	-rsin	-mezsın

No negativo, geralmente as terminações começam com ma(z) ou me(z).

Assim, conseguimos completar as lacunas das duas últimas sentenças e chegamos na alternativa (e).

Perceba, ainda, que, nessas sentenças, o sujeito não está marcado como uma palavra isolada, já que ele pode ser entendido pela conjugação do verbo – fenômeno que também acontece em português, por exemplo quando dizemos “ando rápido” em vez de “eu ando rápido”. Entretanto, se fôssemos indicar os sujeitos explicitamente no turco, eles viriam no início da frase, antes do objeto.

Seguem algumas palavras no crioulo haitiano, falado por aproximadamente 12 milhões de pessoas, e suas respectivas traduções para o português:

crioulo haitiano	português	crioulo haitiano	português
syèl la	o céu	tè a	a terra
lanp lan	a lâmpada	pon an	a ponte
kay la	a casa	kodenn nan	o peru
lanmè a	o mar	tab la	a mesa
sèpan an	a serpente	zanj lan	o anjo
chèz la	a cadeira	televizyon an	a televisão
beny lan	o banho	chanm nan	o quarto
zwazo a	o pássaro	madanm nan	a esposa

Nota: **an**, **en** e **on** são vogais nasais, pronunciadas, respectivamente, como o *ã* em *amanhã*, *em* em *bem*, e *om* em *bom*, porém com a boca mais aberta; *è* é como *é* em *café*; *j* é como *j* em *jato*; *ch* é como *ch* em *chuva*; *y* é como *i* em *pai*; *w* é como *u* em *mau*.

Indique a alternativa que contém uma tradução **incorreta**.

- a) mont lan – o relógio
- b) lavi a – a vida
- c) konesans la – o conhecimento
- d) monn nan – o mundo
- e) ban an – o banco

**Resposta: (c)**

Nas palavras em português do corpus, todas estão acompanhadas dos artigos *o* ou *a*. No crioulo haitiano, esse artigo deve corresponder à segunda palavra, que aparece de 5 formas diferentes: *a*, *an*, *la*, *lan* e *nan*. Podemos então tentar entender quando cada forma é usada. Para isso podemos escrever novas tabelas, separando as palavras de cada caso.

tè a      a terra

lanmè a    o mar

zwazo a    o pássaro

A forma a, como podemos ver, não depende da palavra ser feminina ou masculina no português. Em vez disso, ela acontece sempre que a palavra anterior (o substantivo) termina em uma vogal que não é nasal.

pon an            a ponte  
sèpan an        a serpente  
televizyon an   a televisão

Enquanto isso, se o substantivo termina em vogal, mas essa vogal é nasal (an, en ou on), então o artigo também será nasal (an).

syèl la        o céu  
kay la        a casa  
chèz la       a cadeira  
tab la        a mesa  
lanp lan     a lâmpada  
zanj lan     o anjo  
beny lan     o banho

Se o substantivo termina em consoante, então ele também recebe uma consoante antes da vogal do artigo (no caso, l ou n). Percebemos que la e lan aparecem quando a última consoante não é nasal (n ou m). Nesse caso, a diferença entre as duas formas vai acontecer de acordo com a vogal que aparece logo antes dessa consoante: se ela não for nasal, vamos usar o la, e se for nasal, usamos o lan.

kodenn nan    o peru  
chanm nan    o quarto  
madanm nan   a esposa

Agora, sobrou o nan, que será usado quando o substantivo termina em uma consoante nasal logo depois de uma vogal nasal. Por isso, a consoante e a vogal do artigo também serão nasais.

Assim, podemos ir às alternativas e perceber que a única que não segue o padrão é a (c), *konesans la*, que termina em consoante, mas tem uma vogal nasal logo antes – ou seja, deveria ser *konesans lan*.